

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 34 No. 1 Janeiro – Abril 2021

ARTIGO

ENTRE OS VIVOS E OS MORTOS:

AS ESTRUTURAS DE DEPOSIÇÃO CERÂMICA JARI E KORIABO

(SÉC. VIII-XV AD), OS ARTEFATOS, OS GESTOS E OS RITUAIS FUNERÁRIOS

Jelly Juliane Souza de Lima*, Denise Maria Cavalcante Gomes**

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão acerca das atitudes dos vivos em relação aos mortos, com base na análise dos artefatos cerâmicos e seus arranjos espaciais, indicadores de rituais funerários relacionados aos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II, antigas aldeias localizadas no sul do Amapá, que datam por volta dos séculos VIII a XV AD. As estruturas de deposição cerâmica revelaram a presença dos conjuntos cerâmicos Jari e Koriabo. A partir da análise tecno-funcional da cerâmica e associações com contextos de deposição e sepultamentos, sugerem-se formas de sociabilidade e concepções sobre vida e morte dessas sociedades pré-coloniais que diferem das noções de afastamento dos mortos e construção de novas identidades, comuns à maior parte das populações indígenas contemporâneas.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; cerâmicas Jari e Koriabo; contextos funerários.

* Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rua General Herculano Gomes, Horto Botânico, Prédio da Biblioteca, São Cristóvão, 20940-040-Rio de Janeiro, RJ. E-mail: julianejelly@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1483-2874>

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Rua General Herculano Gomes, Horto Botânico, Prédio da Biblioteca, São Cristóvão, 20940-040 - Rio de Janeiro, RJ. Pesquisador 2 do CNPq (Processo:302487/2017-0) E-mail: denisecavalcante@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6034-4345>.

BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD:
JARI AND KORIABO STRUCTURES OF CERAMIC DEPOSITION
(8TH-15TH CENTURY AD), ARTIFACTS, GESTURES AND FUNERARY RITUALS

ABSTRACT

This article presents a discussion on the attitudes of the living towards the dead, based on the analysis of ceramic artifacts and their spatial arrangements indicative of funerary rituals, related to the archaeological sites Laranjal do Jari I and II, two ancient villages of southern Amapá, dating back to the 8th and 15th centuries AD. Structures of ceramic deposition contained assemblages called Jari and Koriabo. From a techno-functional analysis and its association with the ceramic arrangements and human burials, it is suggested the existence of forms of sociability and conceptions about life and death that differ from the notions of removal of the dead and construction of new identities, common to the majority of contemporary indigenous populations.

Keywords: Amazonian Archaeology; ceramics Jari and Koriabo; funerary contexts.

ENTRE LOS VIVOS Y LOS MUERTOS:
LAS ESTRUCTURAS DE DEPOSICIÓN CERÁMICA JARI Y KORIABO
(SIGLOS VIII-XV D. C.), ARTEFACTOS, GESTOS Y RITUALES FUNERÁRIOS

RESUMEN

Este artículo presenta una discusión sobre las actitudes de los vivos hacia los muertos, a partir del análisis de artefactos cerámicos y su ordenación espacial, indicadores de rituales funerarios relacionados con los sitios arqueológicos Laranjal do Jari I y II, antiguas aldeas del sur de Amapá, datadas alrededor de los siglos VIII al XV DC, conteniendo los conjuntos cerámicos denominados Jari y Koriabo. A partir del análisis tecno-funcional de las cerámicas y su asociación con los contextos de deposición y enterramientos humanos, se sugieren formas de sociabilidad y concepciones sobre la vida y la muerte que difieren de las nociones de distancia de los muertos y construcción de nuevas identidades, comunes a la mayoría de las poblaciones indígenas contemporáneas.

Palabras clave: Arqueología de la Amazonía; cerámica Jari y Koriabo; contextos funerarios.

INTRODUÇÃO

O registro arqueológico da Amazônia pré-colonial tardia tem sido associado aos debates sobre as transformações sociais que ocorreram na região, especialmente no que tange à emergência das sociedades complexas, dada a presença de tesos, aldeias ligadas por caminhos, campos elevados, urnas antropomorfas e artefatos altamente elaborados, encontrados em contextos cerimoniais/funerários. Tendo em vista o exemplo de Marajó, alguns pesquisadores consideram que esses artefatos estariam voltados ao culto dos ancestrais (BARRETO, 2008; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004). Esse também é o caso do Amapá, conhecido pelos sítios arqueológicos que apresentam estruturas megalíticas e cerâmica Aristé (MEGGERS; EVANS, 1957; SALDANHA; CABRAL, 2012), além de abrigos com urnas antropomorfas Maracá (GUAPINDAIA, 2001). Nesses sítios, a construção da sociabilidade em contextos funerários e o culto aos ancestrais tem sido consideradas hipóteses plausíveis.

Roosevelt (1991, p. 89) relaciona as urnas funerárias da fase marajoara (400 a 1400 d.C.) a um processo de desenvolvimento de uma religião de elite, com foco na divinização dos ancestrais. Schaan (2004, p. 362), após escavar os tesos Belém e Camutins, em Marajó, enfatiza que a demonstração de laços genealógicos com os ancestrais seria através da iconografia cerâmica das urnas funerárias. Muito mais do que rituais destinados a destacar o status de determinados indivíduos, essa autora compreende a repetição dos enterros em urnas, nos espaços coletivos, como um modo de legitimar um grupo ou uma elite em formação.

Barreto (2008, p. 116-117), em seu estudo iconográfico sobre as urnas marajoara, sustenta que essas fariam parte de um complexo de urnas antropomorfas existente ao longo da calha do Amazonas, cujo propósito seria cultuar os ancestrais. De um lado estariam os estilos de urnas mais padronizadas, associadas aos ancestrais míticos e a sociedades mais hierarquizadas; e de outro os estilos com figurações antropomorfas individualizadas, destinadas a reverenciar o prestígio de indivíduos (chefes/xamãs) e, portanto, associadas a sociedades menos hierárquicas.

Essas interpretações possibilitam pensar que as práticas culturais relativas ao tratamento funerário, materializadas no registro arqueológico, permitem inferir diferentes visões de mundo das sociedades ameríndias, que podem ser evocadas a partir dos vestígios humanos, da análise dos artefatos cerâmicos, de suas funções e de sua distribuição espacial em sítios arqueológicos relacionados ao passado pré-colonial. Essas concepções, quando confrontadas com o conhecimento antropológico sobre as sociedades indígenas contemporâneas, parecem demonstrar diferenças marcantes entre o passado e o presente.

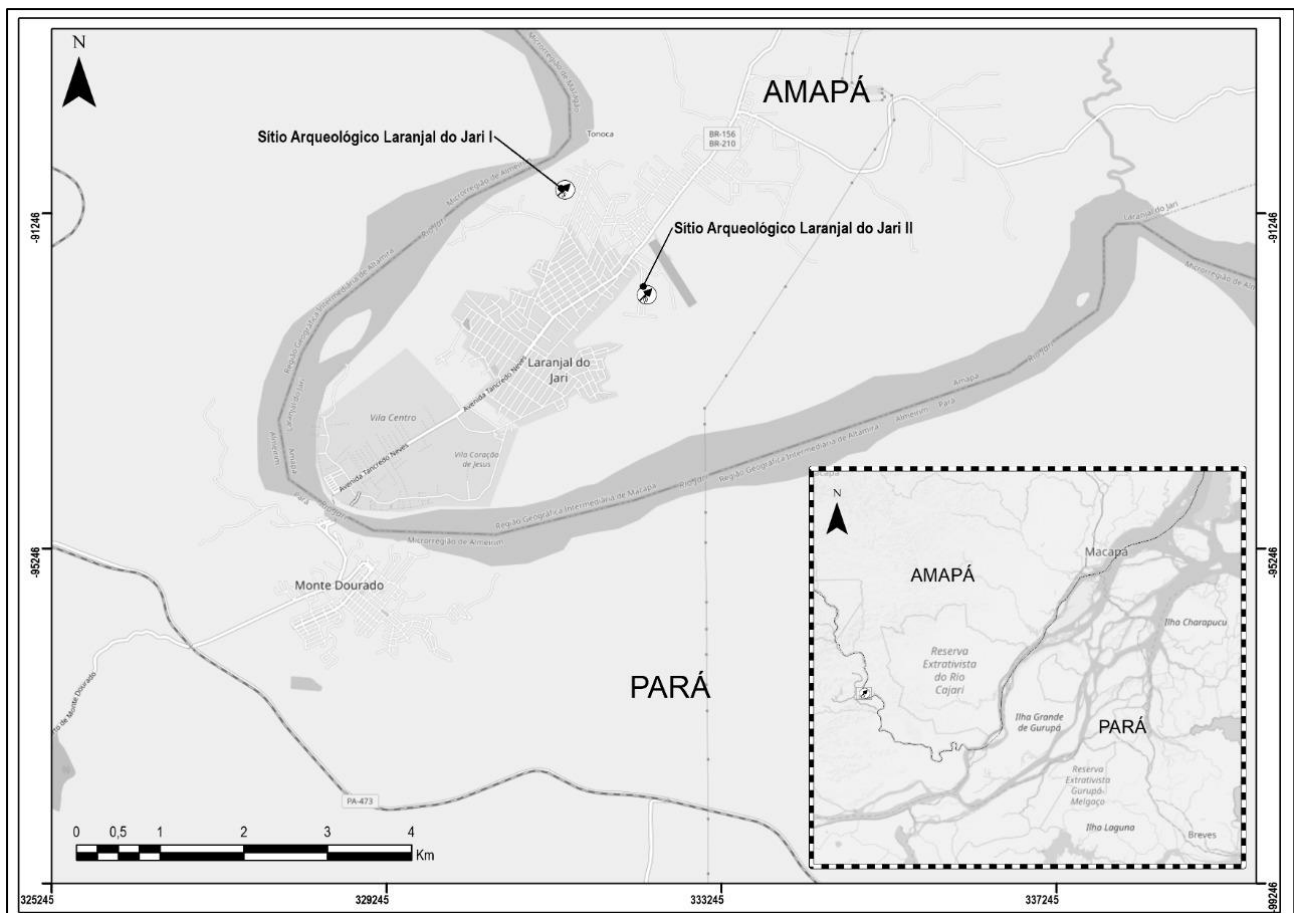
Esse é o caso das relações entre a memória e o esquecimento, as interações entre os vivos e os mortos e a constituição de novas identidades dos mortos, noções bastante generalizadas entre os grupos indígenas contemporâneos que enfatizam a ideia de alteridade (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; CHAUMEIL, 2007; METRAUX, 1947). Uma exceção seriam sociedades mais hierárquicas, a exemplo daquelas envolvidas no Kuarup, no Alto Xingu, que devotam grande investimento aos rituais funerários, destinados a reafirmar a importância dos chefes ancestrais (HECKENBERGER, 2005). Ao observarmos o registro arqueológico, podemos ter uma noção mais precisa de um quadro geral e outro regionalizado, com elementos culturais estruturantes, que devem ser vistos na longa duração. A ideia deste artigo é contribuir para uma discussão acerca das atitudes dos vivos em relação aos mortos, ao ter como ponto de partida as deposições de artefatos cerâmicos classificados como Jari e Koriabo, que estavam contidos em estruturas arqueológicas funerárias, datadas entre os séculos VIII e XV AD, registradas nos sítios Laranjal do Jari I e II.

Para tanto, foi realizada uma análise tecno-funcional cujo propósito foi inferir os usos dos artefatos em diferentes contextos. Os resultados indicam que os artefatos cerâmicos Jari e Koriabo foram manipulados a partir de uma visão de mundo, que pode ser entendida através de uma lógica que percebe os objetos como marcadores de diferentes formas de sociabilidade no passado pré-colonial no sul do Amapá. Os arranjos espaciais e as contínuas deposições no espaço habitacional, ao invés de uma ideia de ruptura, sugerem uma continuidade entre os vivos e seus ancestrais. Desse modo, essa interpretação contrasta com a noção generalizada pela etnologia indígena de distinção, ou afastamento, entre os vivos e os mortos, que se tornam como inimigos (CARNEIRO DA CUNHA, 1978, 2009).

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LARANJAL DO JARI I E II

Os sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II situam-se no município de Laranjal do Jari, na parte sul do Estado do Amapá (Figura 1). A identificação e a escavação dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II foi realizada pelo Núcleo de Arqueologia do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), no âmbito da arqueologia contratada. O sítio arqueológico Laranjal do Jari I está localizado em um amplo topo de morro próximo a uma grande curva do rio Jari, enquanto o sítio arqueológico Laranjal do Jari II encontra-se junto a uma zona de campo alagado e buritizais, dentro da malha urbana de Laranjal do Jari (SALDANHA; CABRAL, 2009).

Figura 1 - Mapa de localização dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II no Município de Laranjal do Jari, Sul do Estado do Amapá. Fonte: Elaborado por Jelly Lima (2020).



Os trabalhos de campo nos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II foram realizados pela equipe de Arqueologia do Instituto de Pesquisas Científicas do Amapá (IEPA), tendo como etapas a delimitação dos sítios arqueológicos, levantamento topográfico, plotagem de quadras de 10 x 10 metros para coletas de superfície, seguidas de escavações por decapagem mecânica e manual (SALDANHA; CABRAL, 2009). A decapagem mecânica privilegiou áreas amplas e revelou informações sobre a localização de estruturas arqueológicas que, ao serem identificadas, foram escavadas manualmente.

As escavações do sítio arqueológico Laranjal do Jari I ocorreram em duas campanhas realizadas entre 2009 e 2011, tendo cerca de 6800 m² escavados por decapagem mecânica. No sítio Laranjal do Jari I, as escavações permitiram identificar cerca de 492 estruturas arqueológicas, tais como buracos de poste, deposições de vasilhas (algumas delas utilizadas como urnas), cerâmicas quebradas *in situ*, fossas, concentrações de artefatos cerâmicos, restos de fogueiras, estruturas de combustão, concentração de artefatos líticos, lixeiras, solos calcinados e poços.

Quanto ao sítio arqueológico Laranjal do Jari II, estima-se que cerca de 2200 m² foram escavados por decapagem mecânica, o que corresponde a menos de 50% de sua área total (SALDANHA; CABRAL, 2011). Essa escavação registrou 169 estruturas arqueológicas, sendo elas buracos de poste, deposições de vasilhas, fossas, concentrações de artefatos, poços, lixeiras, restos de fogueira, bloco de rochas e uma estrutura lítica, caracterizada como blocos de rocha e conjunto de seixos, além de anomalias naturais.

Os sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II revelaram duas camadas arqueológicas, sendo a primeira de terra preta antropogênica, o que seria o correlato de uma ocupação humana (WOODS; McANN, 1999), medindo entre 5 cm e 35 cm, com textura areno-argilosa de coloração escura (7.5 YR 3/1), o que registrou a presença de vestígios arqueológicos. Já a segunda camada, de cor mais clara, de textura areno-argilosa e de coloração amarelada (10 YR 5/8), faz parte do substrato geológico. Nela foi identificada a maior parte das estruturas arqueológicas enterradas (SALDANHA; CABRAL, 2011). Ambas as estruturas arqueológicas (Figura 2) foram classificadas como antrópicas e negativas.

Figura 2 – Vista geral de uma das áreas do sítio Laranjal do Jari I e das estruturas arqueológicas evidenciadas após a escavação por decapagem mecânica e escavação manual.
Fonte: Acervo IEPA (2009).



Estruturas Antrópicas e Estruturas Negativas

As estruturas antrópicas associadas aos conjuntos Jari e Koriabo apresentam grande variabilidade e foram classificadas como: estruturas funerárias; cerâmicas quebradas *in situ*; estruturas de combustão; concentrações de artefatos cerâmicos ou líticos; blocos de rocha; conjuntos de seixos e solo calcinado; além de cerâmicas inseridas em pequenas fossas. As estruturas funerárias consistem em deposições cerâmicas formadas por conjuntos de vasilhas inteiras ou semi-inteiras, podendo conter restos humanos, fauna, sementes carbonizadas, além de vasilhas usadas como acompanhamentos funerários (LIMA, 2017; SALDANHA; CABRAL, 2009, 2011; SALDANHA *et al.*, 2016).

Por outro lado, as estruturas negativas são as fossas, poços e buracos de poste. As fossas possuem como característica o formato circular ou retangular, o fundo oval e a profundidade maior que o diâmetro de abertura. O preenchimento é escuro e areno-argiloso, contendo fragmentos cerâmicos geralmente erodidos e pequenos. Já os poços caracterizam-se por uma abertura circular e fundo plano, com a profundidade maior do que o diâmetro de abertura, sendo marcados por grande quantidade de carvão e fragmentos de cerâmica decorados (SALDANHA; CABRAL, 2009, 2011). Estruturas negativas tais como fossas e poços não estavam associadas aos contextos funerários.

Os buracos de postes apresentam abertura circular e formato cilíndrico em maior profundidade. Com o apodrecimento do poste, os mesmos foram substituídos. Nesses casos, foi possível identificar a presença de buracos de poste duplos no registro arqueológico. Alguns contêm fragmentos de cerâmica, em decorrência de processos naturais como bioturbações. A identificação dos buracos de poste levou à sugestão de que os mesmos correspondem às construções de madeira das antigas habitações, com fundos de cabanas retangular e restos de piso de argila queimada (SALDANHA; CABRAL, 2011).

Esses mesmos buracos de poste podem não só estar relacionados com a construção de habitações antigas, mas possivelmente corresponder a construções para fins específicos (BEL, 2010; GAMBIM JÚNIOR, 2016), como estruturas temporárias de proteção contra o vento e chuva que poderiam ser construídas para outros usos, como durante a realização de rituais funerários (DUIN, 2009; GAMBIM JÚNIOR, 2016; LIMA, 2017). No entanto, dada a substituição dos postes com o tempo, é difícil caracterizar uma possível planta que represente o formato das habitações indígenas no passado ou os espaços destinados a esses outros fins (BEL, 2010).

A distribuição espacial das estruturas arqueológicas dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II revela a presença de vestígios arqueológicos, principalmente cerâmicas, como resultados de atividades domésticas, e também funerárias, realizadas no passado. As estruturas negativas, tais como as lixeiras, fossas e alguns poços, podem ser caracterizadas como áreas de refugos, contendo vestígios cerâmicos muito fragmentados e diversos (GAMBIM JÚNIOR, 2016; SALDANHA; CABRAL, 2011; LIMA, 2017).

Nos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II, as estruturas antrópicas que armazenaram grande quantidade de refugio estão relacionadas a atividades cerimoniais/funerárias, em lugares específicos desses sítios. Essas estruturas reúnem vestígios cerâmicos, em arranjos diferentes dos identificados, como resultantes de atividades do cotidiano. As características dos vestígios cerâmicos, tais como tipos de quebra, indícios de resíduos e marcas de alteração de uso resultaram em uma padronização no registro arqueológico. Assim, a análise dos artefatos contidos nas estruturas antropogênicas em áreas próximas, ou dentro da área de habitação, suas associações contextuais com restos humanos e de fauna permitem confirmar a indicação de áreas de atividades cerimoniais/funerárias.

As datações disponíveis situam os sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II em uma faixa cronológica do século VIII ao XI AD, associada à cerâmica Jari, com exceção de um

hiato de quase dois mil anos de ocupação em datações obtidas para o sítio arqueológico Laranjal do Jari I (BARRETO, 2015; LIMA, 2017). Já no caso da cerâmica Koriabo, a mesma encontra-se presente no registro arqueológico desde o século VIII (principalmente no tocante às datações obtidas para o sítio arqueológico Laranjal do Jari I) até meados do século XIII (com uma única datação para o sítio arqueológico Laranjal do Jari II) e século XV (LIMA, 2017).

METODOLOGIA DE ANÁLISE CERÂMICA

Como abordagem de análise dos artefatos cerâmicos optou-se pela realização de um estudo tecno-funcional, uma vez que nos interessava compreender os possíveis usos das vasilhas associadas às estruturas rituais/funerárias. Esse enfoque, anteriormente empregado por Gomes (2008) em sítios do Baixo Amazonas, representa uma adaptação das proposições de Skibo (1992) e Rice (1987). A análise integrada dos atributos tecnológicos, decorativos e morfológicos (RICE, 1987; RYE, 1981; SHEPARD, 1956; SINOPOLI, 1999), marcada por uma ênfase nos atributos morfológicos (forma e volume), junto com a observação das marcas de alteração de uso (ex: abrasão ou depósito de carbono) possibilitou estabelecer hipóteses sobre os usos e reusos das vasilhas. Segundo seus proponentes, esses últimos são critérios metodológicos chave, que decorrem de pesquisas etno-arqueológicas e da arqueologia experimental (SKIBO, 1992, p. 11; RICE, 1987).

A partir de desenhos dos perfis de borda, foram realizadas reconstituições gráficas de formas com o auxílio do programa Corel Draw, o que permitiu registrar com maior exatidão as dimensões dos artefatos cerâmicos. As formas foram descritas por meio da correlação com os sólidos geométricos e superfícies de revolução (SHEPARD, 1956). As reconstituições gráficas possibilitaram realizar cálculos da capacidade volumétrica dos artefatos, através do programa Rhinoceros 3D, que produz um desenho em três dimensões e gera a informação sobre o volume do artefato cerâmico. A definição dos usos prováveis das vasilhas considerou as correlações entre morfologia e marcas de alterações de uso. Por fim, os artefatos foram classificados de acordo com as três principais classes funcionais estabelecidas por Rice (1987, p. 208): vasilhas para armazenamento, processamento e transferência/transporte.

Historicamente, o sucesso das classificações arqueológicas pôde ser verificado, uma vez que ao longo do tempo foram desenvolvidos critérios para a mensuração da variação formal, temporal e espacial da cultura material (ZEDENO, 2009, p. 407). No entanto, as classificações advindas do método arqueológico tradicional não consistem na tarefa final da pesquisa. É preciso voltar a atenção para as informações dos contextos de deposição e para os indicadores das visões de mundo, que atuaram na criação e ordenação do mundo material das sociedades pretéritas (DEMARRAIS, 2004; ZEDENO, 2009).

A CERÂMICA JARI E SEUS CONTEXTOS

A cerâmica Jari (Figura 3) foi registrada pelo Núcleo de Arqueologia do IEPA a partir de escavações no âmbito da arqueologia contratada, em sítios localizados nos municípios de Laranjal do Jari e Macapá, ambos na parte sul do Amapá. Essa cerâmica pode ser encontrada em sítios multicomponenciais densos e menos densos, contendo terra preta. A análise e caracterização da cerâmica Jari dos Laranjal do Jari I e II foi feita a partir de uma amostra composta por 260 peças, que reuniu somente partes diagnósticas (bordas, bases, paredes decoradas e fragmentos com inflexão).

As vasilhas Jari possuem uma coloração marrom avermelhada e foram construídas a partir da técnica de acordelamento. Na pasta foi adicionado um único tipo de antiplástico ou misturas desse mesmo elemento. O antiplástico preponderante é o caraipé

(cinzas de cascas de árvores silicosas), sendo seguido por misturas de caraipé e mineral (quartzo), caraipé e argila seca e cariapé e óxido de ferro, conhecido como hematita (LIMA, 2017, p. 106-107). Alguns poucos artefatos, de grandes capacidades, apresentam pasta contendo mineral e óxido de ferro.

Figura 3 – Vasilhas cerâmicas Jari. Fotos: Acervo IEPA, 2017. Fonte: Lima (2017, p. 118).



Outro aspecto que chama a atenção na cerâmica Jari é a baixa frequência de decorações. A decoração é constituída por um padrão decorativo sutil, composto por apliques esféricos de argila, que podem ser encontrados nos corpos ou bordas das vasilhas ou ainda apliques modelados semi-circulares, colocados nas bordas das vasilhas. Decorações tais como incisões em linhas retas, paralelas ou semi-circulares e pintura vermelha sobre pasta natural, no lábio da vasilha, são elementos raros nas cerâmicas Jari.

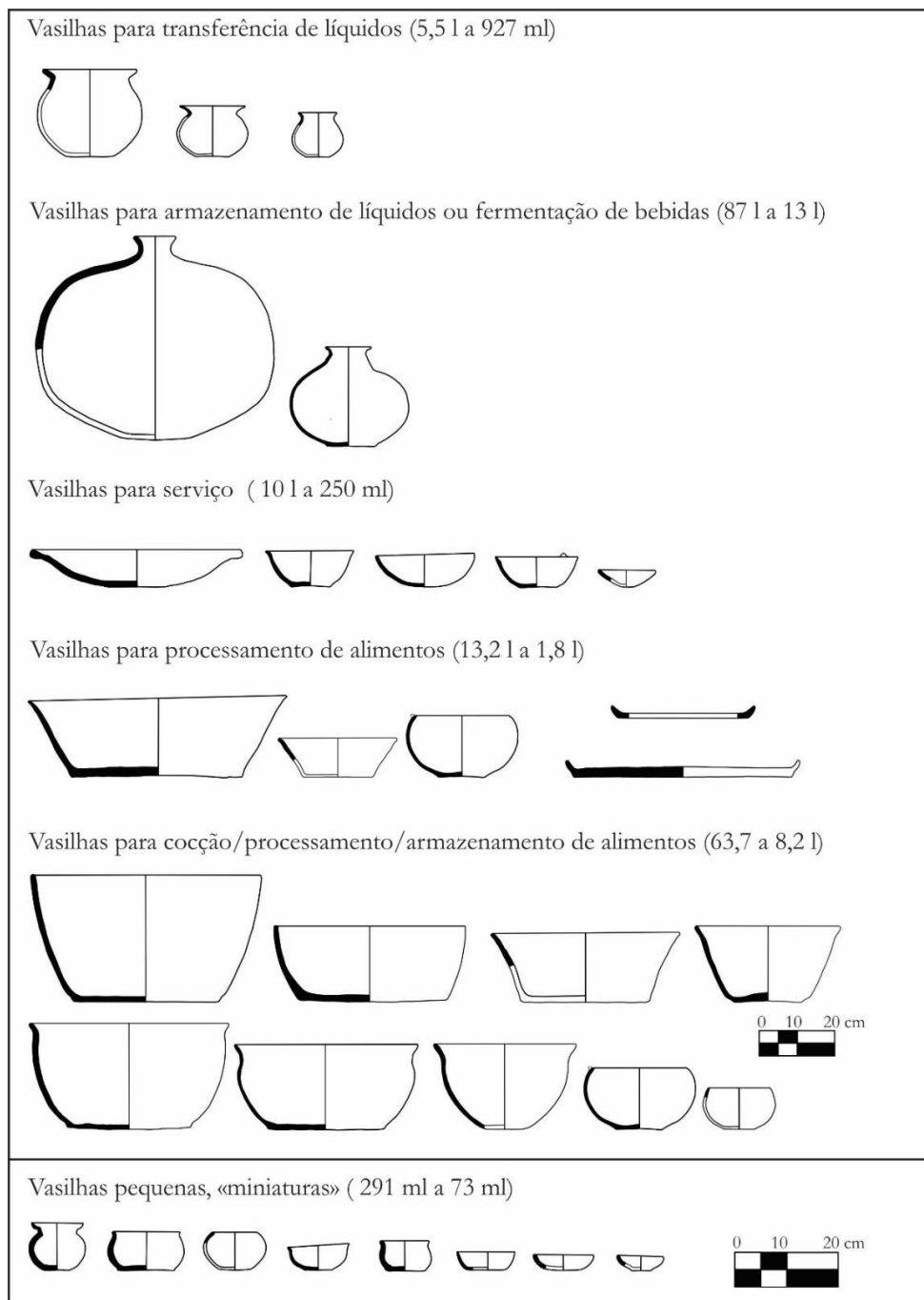
Cerca de 260 reconstituições gráficas geraram 15 formas de vasilhas. Tendo em vista o conjunto de atributos analisados, é possível concluir que a maior parte da cerâmica Jari dos sítios Laranjal do Jari I e II está relacionada a artefatos de uso doméstico. Predominam formas abertas, esféricas, em formato de calota e cônicas, de perfil simples ou infletido. As capacidades volumétricas são variadas, registrando-se vasilhas de capacidade média (5 a 13 litros) e grande (87 a 63 litros). Numerosas vasilhas miniatura (290 a 73 ml) também fazem parte do inventário da cerâmica Jari.

No que se refere às funções hipotéticas da cerâmica Jari, essas foram definidas seguindo a proposta de Rice (1987, p. 209), que, a partir de parâmetros instituídos por meio de comparações etnográficas, estabelece correlações entre atributos morfológicos e tecnológicos, permitindo elencar três categorias gerais de uso de vasilhas, destinadas ao armazenamento, processamento (cocção/processamento a frio) e transferência/transporte. Outra categoria expressiva é dedicada ao serviço (SINOPOLI, 1999).

A análise das marcas de alteração de uso (carbonização, atrito e corrosão), realizada em associação com os critérios morfológicos e tecnológicos, junto com os cálculos de capacidades volumétricas, possibilitou inferir as seguintes categorias funcionais para a cerâmica Jari: 1) Vasilhas para transferência de líquidos; 2) Vasilhas para armazenamento de líquidos e/ou fermentação de bebidas; 3) Vasilhas para serviço; 4) Vasilhas para

processamento de alimentos a frio; 5) Vasilhas para cocção; 6) Vasilhas para armazenamento de alimentos; e 7) Vasilhas miniatura (cf. Figura 4).

Figura 4 – Funções hipotéticas das vasilhas Jari dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II.
Fonte: Lima (2017, p. 124-129).

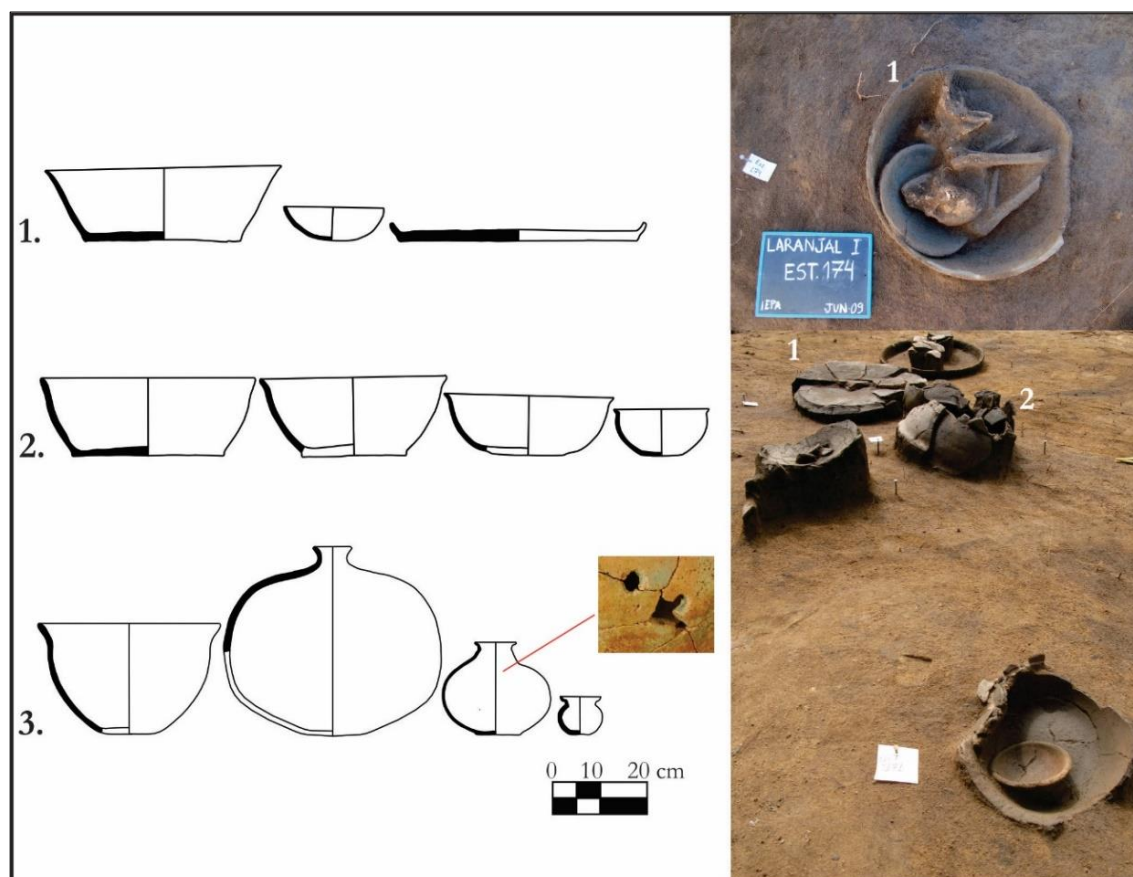


Além disso, algumas classes de artefatos de grandes capacidades volumétricas apresentam a ocorrência de diferentes marcas de alteração de uso, indicando que essas poderiam ter até três funções: cocção, processamento e armazenamento. É preciso destacar ainda a presença de vasilhas classificadas como “miniaturas”, que em algumas peças apresentaram marcas de alterações de uso, tais como fuligem e erosões internas, o que reforça a ideia de uso para cocção de determinados alimentos, ou ainda para preparo de infusões.

Ao relacionar os prováveis usos da cerâmica Jari aos contextos de escavação, outras questões emergiram. As mesmas vasilhas cerâmicas Jari, à princípio associadas ao contexto doméstico, foram utilizadas em contexto secundário, correlacionadas às atividades cerimoniais/funerárias. Vasilhas abertas e de formato cônico, de grandes capacidades volumétricas, foram usadas para conter os restos humanos. Em algumas estruturas de deposição, vasilhas de processamento de alimentos (ex: assador de beiju) foram utilizadas como tampas de urnas. Outras vasilhas foram empregadas no armazenamento de líquidos ou bebidas fermentadas, além de artefatos para a cocção de alimentos e serviço que foram registrados junto aos sepultamentos, sugerindo a ocorrência de atividades coletivas com o consumo de alimentos e bebidas pelos participantes. Vasilhas “miniaturas” surgem ainda como acompanhamento funerário (Figura 5).

Outro dado registrado na análise cerâmica são os cuidados e manutenções de reparo de alguns artefatos, atestados por buracos nas paredes ou bases das vasilhas. Esses não tornavam as vasilhas cerâmicas Jari descartáveis, mesmo diante de atividades cerimoniais/funerárias, o que mostra a importância do reuso nesse contexto especial (LIMA, 2017). É significativo que os furos de reparos encontrados nas paredes e bases de algumas vasilhas cerâmicas Jari não parecem indicar que objetivassem a saída de gases do corpo em putrefação, pois tratam-se de vestígios humanos secundários (ossos parcialmente ou completamente desarticulados).

Figura 5 – Cerâmicas Jari de funções diversas em contexto cerimonial/funerário encontrados nos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I. 1) e 2) indicam a organização das vasilhas associadas ao contexto funerário. 3) vasilha com a indicação da linha vermelha, mostra um artefato com os furos de reparo. Fotos: Acervo IEPA. Fonte: Lima (2017, p. 124-129).



No caso das deposições funerárias Jari, os dados iniciais sobre os vestígios humanos indicam que os sepultamentos são secundários, cujos tecidos musculares teriam se decomposto previamente ao enterro definitivo. Ademais, boa parte dessas evidências apresentam-se como exemplos excepcionais de preservação, especialmente para contextos funerários amazônicos, levando em consideração processos tafonômicos não intencionais e pós-deposicionais (GAMBIM JÚNIOR, 2016; SOUZA *et al.*, 2001; SOUZA, 2010).

Especificamente sobre os restos humanos, destacam-se ainda as escolhas culturais representadas pelos gestos funerários associados às estruturas de deposição cerâmica Jari. Os dados sobre os restos humanos mostram que ocorreram seleções dos ossos, que foram depositados nas vasilhas cerâmicas Jari, tratando-se de crânios e mandíbulas, ossos longos dos membros inferiores e superiores, ossos da cintura pélvica, fragmentos de costelas entre outros elementos esqueléticos menos representativos (GAMBIM JÚNIOR, 2013a, 2013b).

Alguns tipos de vestígios humanos, por exemplo, crânios e ossos longos, foram pintados de vermelho. Em relação à estimativa de idade biológica dos indivíduos depositados nas vasilhas cerâmicas Jari, pode-se inferir que esses eram adultos, adolescentes e crianças. Chama a atenção a robustez e marcações musculares definidas, presentes principalmente em alguns indivíduos adultos (GAMBIM JÚNIOR, 2013a).

A CERÂMICA KORIABO E SEUS CONTEXTOS

A cerâmica Koriabo (Figura 6), associada à tradição Inciso e Ponteada, foi registrada em sítios arqueológicos da Guiana (EVANS; MEGGERS, 1960), Suriname (VERSTEEG, 2003), Guiana Francesa (BEL, 2010; ROSTAIN, 1994), Venezuela (CRUXENT; ROUSE, 1961) e ilhas do Caribe (BOOMERT, 1986). No Brasil, a cerâmica Koriabo foi encontrada em sítios arqueológicos do Pará (HILBERT, 1982; LIMA; FERNANDES, 2016; MULLER *et al.*, 2016) e Amapá (CABRAL, 2014; CHMYZ; SGANZERLA, 2006; NUNES FILHO, 2007; SALDANHA; CABRAL, 2009, 2011). Esses sítios arqueológicos são antigas aldeias multicomponenciais que apresentam, em alguns casos, terra preta antropogênica.

Figura 6 – Vasilhas cerâmica Koriabo. 1) vasos com pintura e 2) vasos com decorações plásticas. Fotos: Acervo IEPA, 2017. Fonte: Lima (2017, p. 147-149).



A amostra analisada, composta por 685 peças com elementos diagnósticos (bordas, bases, paredes decoradas e fragmentos com inflexão), apresenta artefatos construídos a partir das técnicas de acordelamento e modelagem. Os antiplásticos, preponderantes nas pastas cerâmicas, são o caraipé e o mineral (quartzo). Entretanto, também foram identificadas combinações de antiplásticos, tais como quartzo e óxido de ferro, caraipé e óxido de ferro, e caripé e argila seca. Em alguns exemplares, ficou evidente que nas vasilhas com grandes capacidades volumétricas suas paredes mais espessas tiveram adicionadas à pasta inclusões grosseiras de minerais, como quartzo e óxido de ferro.

As decorações plásticas são tanto digitados e unguados nos lábios das vasilhas, quanto raspados circulares e em linhas longas e curtas. Nas flanges labiais e no corpo dos potes, são encontradas esferas aplicadas ou “*botões*”. Em relação à pintura na cerâmica Koriabo, existem motivos abstratos retilíneos, curvilíneos, triângulos e pontos, podendo estes serem pretos ou vermelhos. Além disso, as pinturas em vermelho e preto desses motivos podem estar inseridas em fundos brancos ou engobo. As decorações plásticas e pintadas possibilitam identificar figurações, que misturam características humanas e de animais.

O conjunto Koriabo se destaca pela existência de grande número de vasilhas inteiras e semi-inteiras. Sua análise rendeu 248 reconstituições gráficas, que geraram 18 formas de vasilhas, bem como a identificação de 2 outras classes de artefatos (tortuais de fusos e bancos). Essa variabilidade artefactual inclui formas abertas de perfis simples, compostos e infletidos, além de formas fechadas de perfis complexos. Miniaturas, que consistem em reproduções de algumas dessas formas, também foram recuperadas. As capacidades volumétricas dos artefatos são variadas, embora as vasilhas médias (6,8 a 8,9 litros) sejam mais frequentes. Registram-se ainda vasilhas com grandes capacidades (55 litros) e miniaturas (399 ml a 89 ml).

Os mesmos critérios aplicados ao conjunto Jari foram utilizados para a definição das categorias funcionais da cerâmica Koriabo. Assim sendo, as vasilhas Koriabo foram correlacionadas às seguintes funções hipotéticas: 1) vasilhas para transferência de líquidos; 2) vasilhas para cocção de alimentos; 3) vasilhas para armazenamento ou fermentação de bebidas; 3) vasilhas para serviço; 4) vasilhas para armazenamento; 5) para processamento (Figura 7). Outras classes de artefatos cerâmicos que indicam um caráter multifuncional são algumas formas associadas às atividades de armazenamento e processamento, que também foram utilizadas em atividades de cocção de alimentos, dada a presença de marcas de uso tais como fuligem externa.

Quanto aos contextos de deposição, é importante enfatizar que as cerâmicas Koriabo estavam organizadas em arranjos de uma ou mais de três vasilhas. Em algumas estruturas, assadores foram utilizados como tampas, para conter restos humanos secundários depositados em vasilhas para armazenamento, que junto de outras classes de vasilhas de atividades ligadas ao serviço e processamento de alimentos acompanhavam o morto (Figura 8). Por fim, a presença de bancos cerâmicos elaborados, que aparecem como acompanhamento funerário, assinala a existência de indicadores de diferenças de status entre os indivíduos.

Nas deposições funerárias Koriabo, escolhas culturais e gestos funerários foram registrados. Os dados sobre os restos humanos mostram que ocorreram seleções dos ossos, depositados nas vasilhas cerâmicas Koriabo, sendo esses marcados por alto grau de fragmentação, alterações térmicas típicas de cremação e possivelmente calcinação. Esses consistem em partes de ossos longos de membros superiores e inferiores, fragmentos de vértebras, fragmentos de mandíbulas e fragmentos de crânios, pertencentes, ao que tudo indica, a indivíduos não adultos (crianças e adolescentes) e adultos (GAMBIM JÚNIOR, 2013a, 2013b).

Figura 7 – Funções hipotéticas das vasilhas Koriabo dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I. e II. Fonte: Lima (2017, p. 154-159).

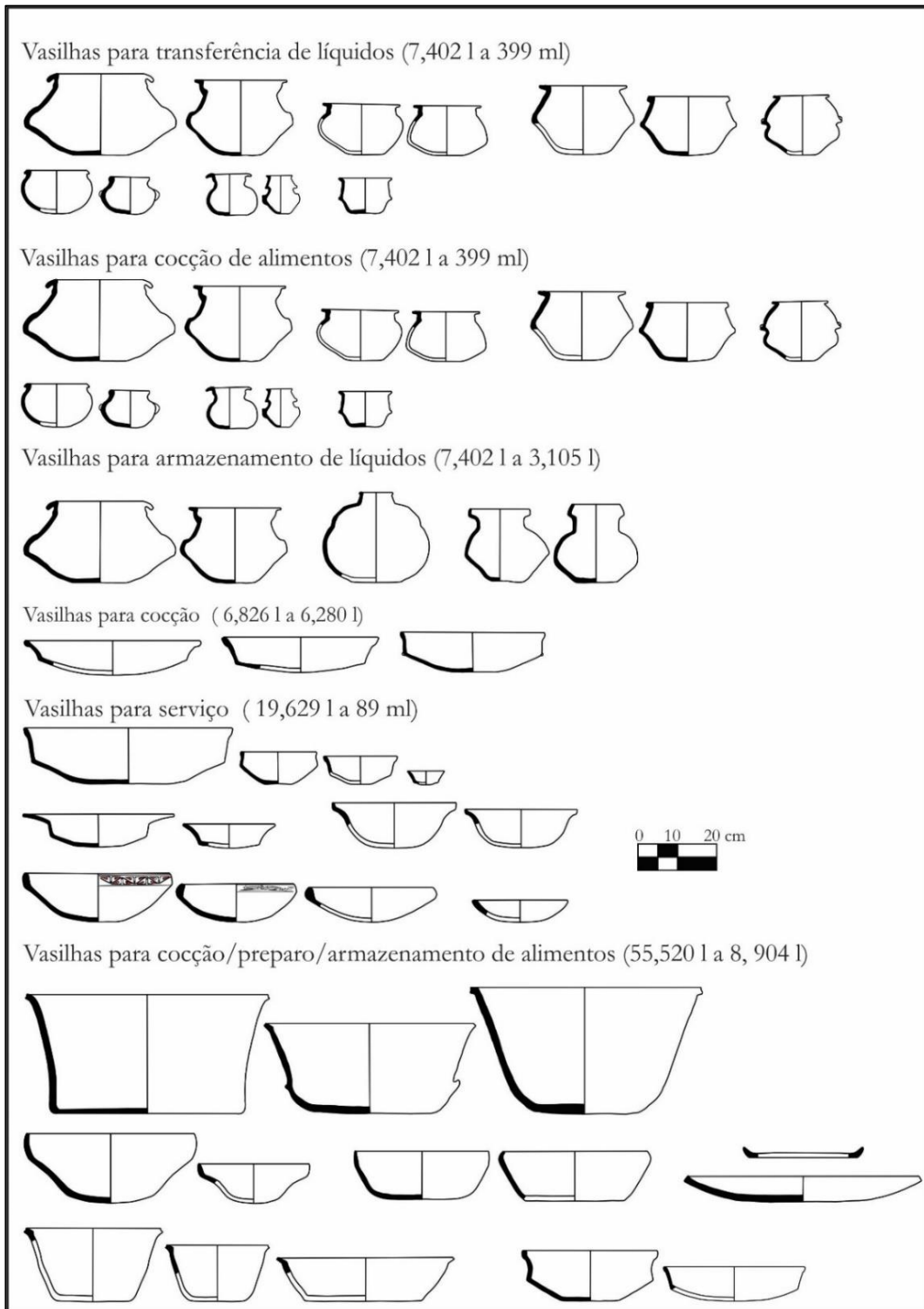
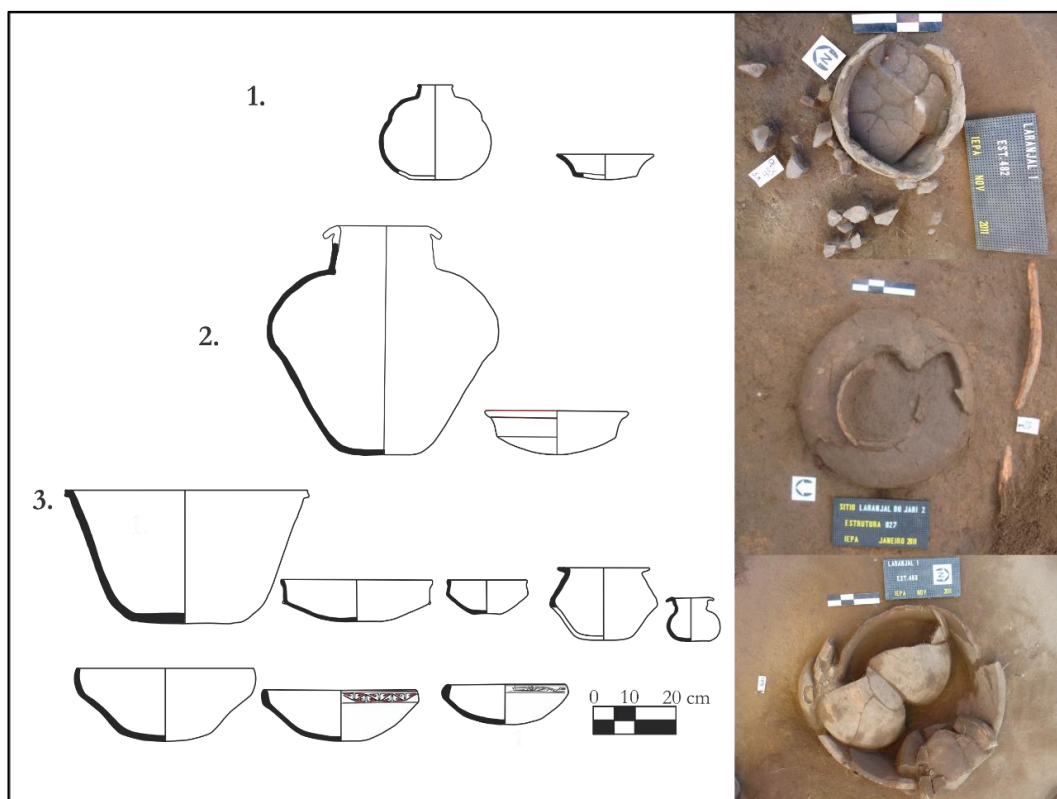


Figura 8 - Cerâmicas Koriabo de funções diversas em contexto cerimonial/funerário, encontradas no sítio arqueológico Laranjal do Jari I. Fotos: Acervo IEPA. Desenhos: Lima, (2017).



O que fica evidente nos sepultamentos associados aos conjuntos cerâmicos Koriabo é que, além da ocorrência da cremação, os ossos humanos decorrentes da exposição ao fogo foram posteriormente contidos em recipientes cerâmicos Koriabo. Para tanto, teriam que ser intencionalmente quebrados, reduzidos e selecionados durante o gestual funerário, para a deposição final dos mesmos (GAMBIM JÚNIOR, 2016).

Excepcionalmente, no sítio Laranjal do Jari I, restos de animais foram encontrados associados às estruturas de deposição cerâmica Koriabo. Quanto à identificação desses restos de animais, é possível que se trate de ossos de aves (GAMBIM JÚNIOR, 2013a), todavia, ainda são necessários estudos que ressaltem se ocorreram seleções de espécies para consumo no sítio arqueológico Laranjal do Jari I.

AS ESTRUTURAS DE DEPOSIÇÃO CERÂMICA: RITUAL E CUIDADO COM MORTOS NO PERÍODO PRÉ-COLONIAL, NO SUL DO AMAPÁ

As estruturas funerárias Jari indicaram múltiplas deposições de vasilhas cerâmicas de uso doméstico, cujos artefatos com grandes capacidades volumétricas, a exemplo das formas destinadas ao processamento, cocção de alimentos e armazenamento de bebidas fermentadas, foram empregadas para conter ossos longos dos membros inferiores e superiores, ossos da área pélvica, fragmentos de costelas, crânios, dentre outros, em estado de preservação excepcional. As miniaturas surgem como parte dos acompanhamentos cerimoniais/funerários (Tabela 1).

Do mesmo modo, as estruturas cerâmicas Koriabo estavam arranjadas em múltiplas deposições, com vasilhas de diferentes capacidades volumétricas, que foram utilizadas no contexto doméstico em atividades de processamento, serviço, cocção de alimentos e armazenamento de líquidos. Posteriormente, algumas dessas formas cerâmicas passaram

para o contexto funerário, sendo que artefatos de grandes capacidades foram selecionados para a deposição de vestígios humanos muito fragmentados, carbonizados e reduzidos, tais como partes de ossos longos de membros superiores e inferiores, fragmentos de vértebras, fragmentos de mandíbulas, fragmentos de crânios, além de restos de fauna. Alguns desses artefatos, como as vasilhas miniatura, vasilhas para transferência de líquido contendo decorações plásticas e vasilhas pintadas podem ter sido fabricadas por ocasião dos festins funerários.

Tabela 1 – Estruturas de Sepultamento Jari e Koriabo.
Tabela elaborada por Jelly Lima (2020).

Estrutura de Sepultamento	Conjunto Cerâmico	Tipo de Sepultamento	Funcionalidade da Vasilha Funerária	Vasilhas de Acompanhamento Funerário
Deposição de vasilha, est 67	Jari	Deposição de crânio pintado de vermelho	Vasilha para cocção ou processamento de alimento	-----
Deposição de vasilha, est 83	Jari	Deposição de diáfises de ossos longos e mandíbula fragmentada	Vasilha para processamento de alimentos	-----
Deposição de vasilhas, est 174	Jari	Crânio, pelve e ossos longos	Vasilha de grande capacidade para cocção/ ou armazenamento e assador usado como tampa	Vasilha para serviço
Deposição de vasilhas, est 178	Jari	Deposição de Crânio isolado	Vasilha de grande capacidade para processamento	-----
Deposição de vasilhas, est 188	Jari	Deposição de osso longo, possível tibia humana	Vasilha de grande capacidade para cocção, processamento ou armazenamento de alimentos	Vasilhas para armazenamento de líquidos
Deposição de vasilhas, est 193	Jari	Ossos longos e chatos	Vasilha para processamento de alimentos	-----
Deposição de vasilha, est 223	Jari	Ossos longos, mandíbula e pelve	Vasilha para cocção ou armazenamento de alimento	-----
Deposição de vasilha, est 72	Koriabo	Fragmentos de ossos não identificados	Vasilha para armazenamento de líquido	Vasilhas para cocção/processamento ou armazenamento de alimentos
Deposição de vasilha, est 103	Koriabo	Fragmentos de crânio	Vasilha para processamento de alimentos	-----

Deposição de vasilha, est 481	Koriabo	Fragmentos de ossos humanos com indícios de exposição ao fogo	Vasilha para armazenamento de líquidos	Vasilha para cocção
Deposição de vasilha, est 482	Koriabo	Fragmentos de ossos com indícios de exposição ao fogo	Vasilha para armazenamento de líquidos	Vasilha para serviço

Os dados arqueológicos advindos das análises cerâmicas dos conjuntos Jari e Koriabo, dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II, indicam semelhanças com contextos arqueológicos da Guiana Francesa, como o sítio Areia Branca Leste. Esse apresentou dois conjuntos cerâmicos associados a múltiplos depósitos funerários, o que levantou questionamentos se os artefatos cerâmicos teriam sido feitos especialmente para o evento funerário ou seriam originários do contexto doméstico e reutilizados como urnas funerárias. Cada tipo de deposição cerâmica estaria relacionada ao *status* do morto, o que sugere uma diferenciação social, sendo que cada unidade social teria um lugar específico no sítio arqueológico Areia Branca Leste (BEL, 2009, p. 244).

Nos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II, as cerâmicas Jari e Koriabo contidas nas estruturas de deposição cerâmica estavam associadas aos numerosos buracos de poste, indicando não só a construção de abrigos para essas cerimônias, mas também a repetição intensa desses eventos (LIMA, 2017). Padrões semelhantes podem ser reconhecidos em outros sítios da foz do Amazonas (GAMBIM JÚNIOR, 2016; SCHAAN, 2004; SALDANHA, 2017), das Guianas (BEL, 2009; DUIN, 2009) e do Caribe (HOOGLAND; HOFMAN, 2013).

O conjunto dessas evidências parece indicar que estaríamos diante de práticas que apontam para um significativo cuidado com os mortos, além da repetição desses eventos, evidenciando a existência de práticas voltadas à construção de identidades individuais e coletivas. Essa interpretação, construída por meio de evidências arqueológicas, permite demonstrar a manipulação dos restos humanos, seu enterro secundário em vasilhas cerâmicas, o consumo de alimentos e bebidas durante os eventos coletivos e uma clara aproximação entre os vivos e os mortos, semelhante aos diferentes contextos arqueológicos acima citados, o que mostraria uma tendência de reforçar a memória social e os locais de sepultamento de grupos familiares (HOOGLAND; HOFMAN, 2013, p. 465).

DeMarrais (2004) ressalta a importância dos processos de materialização de ideias, tendo as visões de mundo como parte essencial de um processo cultural mais amplo. Para a autora, a materialização da cultura pode ser definida como a transformação de ideias, valores e mitos, na realidade material e física, de modo que nos permita pensar sobre questões ligadas ao conhecimento, às práticas sociais e suas relações com a cultura material, que fazem parte da interação social (DEMARRAIS, 2004, p. 11-12). Assim, objetos e corpos consistem na materialização de ideias e valores durante os eventos rituais evidenciados no registro arqueológico (DIETLER, 2011).

Arnold van Gennep (1960) considera que no processo ritual existem três fases para o rito de passagem: a afirmação do *status* social existente e a separação desse *status*; o período de separação da maioria da sociedade e das normas sociais durante as quais as identidades são reconfiguradas; e a reintegração da pessoa na sociedade, onde seu novo *status* é reconhecido. Ritos de passagem como o funerário reúnem os grupos e acabam por transformar as relações dentro da sociedade, pois a identidade é um assunto

comunitário e de importância vital, sendo a morte inserida nesse contexto que visa reintegrar o morto à sociedade como diferentes entidades ou ordens de pessoas (FOWLER, 2004, p. 52-53).

As práticas funerárias têm múltiplos papéis, que incluem a desconstrução da pessoa, renegociações de valor e transformações de identidade pessoal entre os vivos e mortos. Em geral, envolvem movimentos ritualizados, tais como pintar o corpo, vestir, alterar permanentemente o corpo (escarificação), jejuar e consumir comida, sendo esses atos transformadores (FOWLER, 2004). Quanto ao ato de consumo de alimentos, esse tem lugar proeminente no ritual, especificamente no contexto funerário, onde rituais de reciprocidade exigem que a prática da comensalidade seja o objetivo ou consequência da construção de relações de sociabilidade na comunidade (BRAY, 2015; DIETLER, 2011).

Métraux (1947) descreveu para as Guianas a prática do consumo alimentar nos rituais funerários dos vivos enlutados, além dos alimentos e bebidas depositados junto aos sepultamentos para serem “consumidos pelos mortos”. Da mesma forma, Rostain (2011), ao referir-se ao luto e às práticas de sepultamento nas Guianas, destaca que o consumo (de alimentos) pelos vivos junto aos mortos era marcado por grandes eventos, que atraíam várias aldeias, sendo realizados pelo menos um ano após o enterro inicial. Em geral, nas cerimônias, as mulheres faziam comidas e preparavam bebidas para o consumo ritual. Nessa ocasião, os convidados se alimentavam junto aos mortos e em memória deles, próximo a estruturas como tumbas localizadas nas praças da aldeia ou casa comunal, nas quais justamente durante essas celebrações era realizada a manutenção desses locais de memória (CHAUMEIL, 2007).

Para Chaumeil (2007) a noção generalizada de ruptura e esquecimento dos mortos no presente etnográfico deve ser relativizada, em grande medida, devido às evidências arqueológicas que mostram justamente o contrário. Esse é o caso dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II, em que temos uma clara indicação de atos de construção da memória como expressão das interações que se estabelecem entre os vivos e os mortos. Essa hipótese ganha força ao lado de outros exemplos arqueológicos das Guianas, Caribe e foz do rio Amazonas (BEL, 2015; DUIN, 2009; GAMBIM JÚNIOR, 2016; HOOGLAND; HOFMAN, 2013; LIMA, 2017; SCHAAN, 2004; SALDANHA, 2017), bem como no Alto Madeira (COSTA; GOMES, 2016) que estão relacionados a diferentes contextos funerários e formações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados arqueológicos apresentados foi possível fazer inferências sobre as visões de mundo relativas à morte e aos rituais envolvendo comensalidade, praticados ao longo do tempo (Séc. VIII-XV AD), pelos portadores das cerâmicas Jari e Koriabo que ocuparam os sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II. Os usos sugeridos por meio das análises tecno-funcionais das cerâmicas Jari e Koriabo indicam atividades diversificadas conduzidas no cotidiano e reusos dos artefatos em eventos cerimoniais/funerários, tanto para o enterro de pessoas, quanto para a utilização dos vivos por ocasião dos rituais fúnebres.

Em síntese, as escavações e dados disponíveis acerca dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II indicam que eles: 1) possuem contextos multicomponenciais, com duas camadas de ocupação; 2) a primeira é a ocupação mais antiga correspondendo à cerâmica Jari, datada por volta do século VIII AD; 3) a segunda é a ocupação mais tardia, associada à cerâmica Koriabo, com datações que chegam até o século XV AD; 4) os modos de fabricação de artefatos são diferenciados, sendo a cerâmica Jari menos elaborada em comparação à cerâmica Koriabo, que apresenta elementos decorativos característicos; 5) as vasilhas de ambos os conjuntos, destinadas à cocção, armazenamento, serviço e

transferência/transporte foram reutilizadas; 6) os modos de deposição dos artefatos cerâmicos Jari e Koriabo são semelhantes; e 7) as estruturas arqueológicas de deposição formadas por conjuntos de vasilhas estão relacionadas aos eventos cerimoniais/funerários.

Ao considerarmos os artefatos cerâmicos como produtores e reprodutores das relações sociais (BRAY, 2015), enfatizamos que as cerâmicas Jari e Koriabo mediarão diferentes visões de mundo indígena, levando em conta a importância da construção da sociabilidade entre os vivos e os mortos, envolvendo relações de comensalidade ritual. Práticas de consumo de alimentos e deposição dos objetos após o ritual, realizadas na presença dos mortos e entre os vivos enlutados, serviram para reforçar os vínculos entre os vivos e evidenciar as identidades dos mortos. Se levadas em conta tais proposições, essa é uma interpretação que faz sentido, quando criadas aproximações entre os restos humanos, os artefatos cerâmicos, os vestígios arquitetônicos e as estruturas de deposição, que evidenciaram práticas rituais do passado, cuja finalidade era criar/estreitar laços de memória.

Os usos e reusos rituais das cerâmicas Jari e Koriabo, em associação com seus contextos não exibem diferenças sociais aparentes, sugerindo padrões compatíveis com formações mais igualitárias. Contudo, essas parecem estar inseridas em um mesmo quadro de progressiva intensificação dos rituais funerários, observado entre diversas sociedades pré-coloniais que ocuparam a foz do Amazonas. Se de um lado é possível associar o grande investimento artístico na fabricação das urnas antropomorfas Marajó, Maracá, Mazagão e Aristé a diferentes níveis de hierarquização social e ao culto aos ancestrais, de outro é inegável que os produtores das cerâmicas Jari e Koriabo dedicaram grande cuidado aos mortos e estabeleceram com eles relações de continuidade, tendo retornado continuamente a esses lugares, que se constituem como cemitérios.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional (PPGarq), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo concedida à primeira autora. Ao Núcleo de Arqueologia (NUPARQ) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) pelo acesso às coleções cerâmicas dos sítios arqueológicos Laranjal do Jari I e II. Agradecemos os comentários e sugestões feito (a)s pelo (a)s pareceristas anônimo (a)s que contribuíram para este artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Bruno de Souza. *Diacronia e cultura material no sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, baixo rio Jari, sul do Amapá (670-1450 AD)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2015.
- BARRETO, Cristiana Galvão Nunes. *Meios místicos de reprodução social: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BEL, Martjin Van den. Les dépôts funéraires d'Iracoubo: les résultats d'une fouille préventive d'une nécropole précolombienne en Guyane française. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 1, n° 1, p. 230-249, 2009.
- BEL, Martjin Van den. A Koriabo site on the Lower Maroni River: results of the preventive archaeological excavation at Crique Sparouine, French Guiana. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera. (Eds.). *Arqueologia Amazônica*. Vol.1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN/SECULT. 2010. p. 61-93.
- BEL, Martjin Van den. *Archaeological investigations between Cayenne Island and the Maroni river: a cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade de Leiden. Sidestone Press, Leiden, 2015.
- BOOMERT, Arie. The Cayo Complex of St. Vicent: Ethnohistorical and archaeological aspects of the Island Carib problem. *Anthropologica*, v. 66, p. 3-68, 1986.
- BRAY, Tamara. Ritual Commensality between Human and Non-Human Persons. Investigating Native Ontologies in the Late Pre-Columbian Andean World. In: POLLOK, Suzan (Ed.). *Between Feasts and Daily Meals. Towards an Archaeology of Commensal Spaces*. Berlin: Edition Topoi, 2015. p. 225-241.
- CABRAL, Mariana Petry. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- CHAUMEIL, Jean. Bones, flutes, and the dead: memory and funerary treatments in Amazonia, In: FAUSTO, Carlos. & HECKENBERGER, Michael. (Eds.) *Time and memory in indigenous Amazonia: Anthropological perspectives*. Flórida: University Press of Florida, 2007. p. 243-283.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria. Patrimônio arqueológico da área da rodovia BR 156: Trecho rio Preto-Laranjal do Jari, Estado do Amapá. In: *Arqueologia*, Curitiba, v. 9, p. 17-40, 2006.
- COSTA, Angislaine Freitas; GOMES, Denise Maria Cavalcante. A multifuncionalidade das vasilhas cerâmicas do alto rio Madeira (séculos X-XII DC). *Revista de Antropologia*, v. 61, n. 3, p.52-85, 2018.
- CRUXENT, José; ROUSE, Irving. *Arqueologia cronologica de Venezuela*. Washington, DC: Unión Panamericana, 1961.
- DEMARRAIS, Elizabeth. The materialization of culture. In: DEMARRAIS, Elizabeth; GOSDEN, Chris; REFREW, Collin (Eds.). *Rethinking Materiality: The engagement of Mind with the Material World*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004. p. 11-22.
- DIETLER, Michael. Feasting and fasting. In: INSOLL, Timothy (Ed). *The Oxford handbook of the archaeology of ritual and religion*. Nova York: Oxford University Press, 2011. p. 179-194.

- DUIN, Renzo Sebastian. *Wayana socio-political landscapes: multi-scalar regionality and temporality in Guiana*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade da Flórida, Gainesville, 2009.
- EVANS, Clifford; MEGGERS, Betty Jane. *Archaeological Investigations in British Guyana*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 1960.
- FOWLER, Chris. *The archaeology of personhood: an anthropological approach*. Londres e Nova York: Routledge, 2004.
- GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Relatório e fichas de análise de remanescentes humanos do sítio arqueológico Laranjal do Jari I*. Relatório de laboratório. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Macapá, 2013a. Inédito.
- GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Relatório e fichas de análise de remanescentes humanos do sítio arqueológico Laranjal do Jari II*. Relatório de laboratório. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Macapá, 2013b. Inédito.
- GAMBIM JÚNIOR, Avelino. *Corpo, vida e morte na Foz do Rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiaú Mirim I/AP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- GENNEP, Arnold van. *The Rites of Passage*. Londres: Routledge, 1960.
- GOMES, Denise Maria Cavalcante. *Cotidiano e poder na Amazônia pré-colonial*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia. Encountering the Ancestors: The Maracá Urns, In: McEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (Eds.). *Unknown Amazon: culture and nature in ancient Brazil*. Londres: The British Museum Press, 2001. p. 156-175.
- HECKENBERGER, Michael. *The Ecology of Power: Culture, Places and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*. Londres e Nova York: Routledge, 2005.
- HILBERT, Peter. Pottery of the Cuminá River, Brazil and it's affiliations with the Koriabo Phase of Guyana. *Journal of the Walter Roth Museum of Archaeological and Anthropology*, v. 5, p. 75-81, 1982.
- HOOGLAND, Menno; HOFMAN, Corinne. From Corpse Taphonomy to Mortuary Behavior in The Caribbean. In: KEEGAN, William F.; HOFMAN, Corinne L.; RAMOS, Reniel Rodríguez (Eds.). *The Oxford handbook of Caribbean archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 453-469.
- LIMA, Helena Pinto; FERNANDES, Glenda. Cerâmicas arqueológicas da foz do Xingu: Uma primeira Caracterização. In: BARRETO, Cristiana; PINTO LIMA, Helena; BETANCOURT, Carla Jaimes (Eds). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN, 2016. p. 210-223.
- LIMA, Jelly Juliane Souza de. *Práticas de deposição na Amazônia Antiga: As estruturas arqueológicas dos sítios Laranjal do Jari I e II do Sul no Amapá*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MEGERS, Betty; EVANS, Clifford. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, 1957.
- MÉTRAUX, Alfred. Mourning rites and burial forms of the South American Indians. *América Indígena*, v. 7, n. 1, p. 7, 1947.
- MÜLLER, Leticia Morgana; KIPNIS, Renato; SANTOS, Maria do Carmo Mattos Monteiro; CALDARELLI, Solange. Considerações iniciais sobre a cerâmica arqueológica da Volta grande do Xingu. In: BARRETO, Cristiana; PINTO LIMA, Helena, BETANCOURT, Carla Jaimes (Eds.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN, 2016, p. 196-209.

- NUNES FILHO, Edinaldo. *Relatório de Pesquisa de campo e trabalhos de laboratório do sítio Arqueológico AP-AR-04: Barragem do Taboca. Relatório Técnico Conclusivo*. Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2007.
- RICE, Prudence. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- RYE, Owen. *Pottery technology: principles and reconstruction*. Washington, D. C: Taraxacum, 1981.
- ROOSEVELT, Anna. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego: Academic Press, 1991.
- ROSTAIN, Stéphen. *L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Instituto de Arte e Arqueologia Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne, Paris, 1994.
- ROSTAIN, Stéphen. La mort amérindienne en Amazonie. *Cahiers d'Histoire de l'Amérique Latine*, n. 5, p. 221-254, 2011.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. *Relatório preliminar de resgate do sítio arqueológico Laranjal do Jari 1. Relatório de Campo*. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Macapá, 2009.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. *Primeiro relatório de Resgate Arqueológico no Sítio Laranjal do Jari 02, Laranjal do Jari, AP*. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, Macapá, 2011.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Potes e pedras: uma gramática de monumentos megalíticos e lugares naturais na costa norte do amapá. *Revista de Arqueologia*, v. 25, n.1, p. 48-57. 2012.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; NAZARÉ, Alan Silva; LIMA, Jelly Juliane Souza; SILVA, Michel Bueno Flores. Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; Betancourt, Carla (Eds.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN, 2016. p. 86-95.
- SALDANHA, João Darcy de Moura. *Poços, potes e pedras: uma longa história indígena na Costa da Guayana*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SCHAAN, Denise Pahl. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Departamento de Antropologia, Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh, 2004.
- SHEPARD, Anna Osler. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1956.
- SINOPOLI, Carla. Levels of Complexity: Ceramic Variability in Vijayanagara. In: SKIBO, James; FEINMAN, Gary (Eds.). *Pottery and People*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 1999. p. 115-136.
- SKIBO, James. *Pottery function: a use-alteration perspective*. Nova Iorque/Londres: Plenum Press, 1992.
- SOUZA, Sheila Mendonça. O silêncio bioarqueológico da Amazônia: Entre o mito da diluição demográfica e a diluição biológica na floresta tropical. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (Eds.). *Arqueologia Amazônica*. Vol.1. Belém: Editorial Museu Paraense Emílio Goeldi/IPHAN/SECULT, 2010. p. 425-445.
- SOUZA, Sheila Mendonça; GUAPINDAIA, Vera Lúcia; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia*, v. 17, n.2, p. 479-520, 2001.

- VERSTEEG, Aad Heindrick. *Suriname voor Columbus/Suriname before Columbus*. Paramaribo: Stichting Surinaams Museum, 2003.
- WOODS William; McCAAN, Joseph. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths. Austin, University of Texas Press, Yearbook Conference of Latin American Geographers, 1999, v. 25, p 7-14.
- ZEDEÑO, María Nieves. Animating by association: index objects and relational taxonomies. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 19, n.3, p. 407-417, 2009.